



Editorial

A Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual chega à maioria. Em seu número 18, publica o **Dossiê** *Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina*, editado por Alessandra Brandão e Dieison Marconi, pesquisadora e pesquisador com trajetórias de envolvimento com a Socine, que, de alguma forma, refletem o florescimento e o amadurecimento dos estudos de gênero e sexualidade sob a perspectiva *queer* na associação e no próprio campo da pesquisa em cinema no Brasil.

A abertura de uma chamada de trabalhos dessa natureza em uma revista científica é sempre um exercício político, mas esse caráter se acentua em um momento em que não apenas o cinema, mas sobretudo as vidas *queer* são parte de um contingente especialmente afetado tanto pela pandemia de Covid-19 quanto pelas difíceis condições políticas e socioeconômicas brasileiras. No entanto, longe de situar as vidas *queer* exclusivamente no lugar da precariedade, a publicação de um dossiê como esse é também uma celebração aos corpos *queer* que fazem a Socine, que são muitos e crescentes e que arejam a associação com olhares originais e rigorosos em relação ao cinema e à sua teoria. Corpos falantes (RANCIÈRE, 2017)¹ que povoam a Socine com paisagens outras e que participam, vários deles, desse dossiê.

O atual número da Rebeca traz também seis artigos na seção de **Temáticas livres**, dois deles dedicados à dimensão sonora do cinema. Em *Melodías de América: variaciones de lo transnacional en las producciones Calderón* temos a contribuição internacional de Silvana Flores, da Argentina, que analisa um conjunto de três filmes mexicanos da década de 1950, nos quais a música desempenha papel central, todos produzidos por uma mesma família. O argumento desenvolvido por Silvana Flores é de que os filmes permitem perceber distinções transnacionais do cinema musical latino-americano que incentivaram na região uma certa independência, tanto econômica quanto narrativa, em relação a Hollywood. Já Debora Regina Taño e Suzana Reck Miranda assinam o texto *Flutuações de tempo e espaço por meio do som: voz e música em “Família Rodante”*, em que discutem a voz como elemento sonoro capaz de alterar a estrutura narrativa do filme, com um estudo de caso de *Família Rodante* (2004), de Pablo Trapero.

Também integra a seção de Temáticas livres o artigo *Metamorfoses e reencarnações: o retorno digital da fotogenia*, de André Antônio Barbosa, que analisa três filmes brasileiros contemporâneos - o longa *Buraco Negro* (Helena Lessa e Petrus

¹ RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. São Paulo: Ed. 34, 2017.



de Bairros, 2017) e os curtas *O Bando Sagrado* (Breno Baptista, 2019) e *Barriga de Imagens* (Maria Bogado, 2019) - a partir da noção de Fotogenia, desenvolvida pelo cineasta e teórico Jean Epstein na primeira metade do século XX. André Antônio observa que, apesar do seu evidente despojamento, os filmes tentam enxergar nos corpos e coisas filmadas sua fotogenia, algo que ultrapassa a materialidade concreta imediata. A revista traz ainda o texto *Ágnes hranitzky: que lugar ela ocupa no cinema húngaro?*, de Lídia Ars Mello, primeiro artigo brasileiro dedicado à apresentação da vida e obra da montadora. No texto, a autora aborda a carreira de Ágnes Hranitzky no cinema húngaro e sua parceria com Béla Tarr, de quem montou filmes, num trabalho louvável de fazer aparecer à comunidade de pesquisadores(as) de cinema do Brasil uma mulher desconhecida no país (quicá no mundo), que ocupou um lugar pioneiro, ainda na década de 1960, em um campo que continua sendo predominantemente masculino, mesmo cinco décadas depois.

Finalizam a seção Temáticas livres dois artigos: em *Paulo Emílio e Os filmes na cidade (1966): a gênese da comédia musical*, Rafael Morato Zanatto analisa os manuscritos do curso *Os filmes na cidade (1966)*, uma parte desconhecida da trajetória intelectual de Paulo Emílio Sales Gomes, em que Gomes investiga a gênese das comédias musicais nas manifestações culturais e nas fisionomias femininas do Rio de Janeiro do século XIX. Por fim, Giancarlo Casellato Gozzi apresenta em *Interações entre ficção e realidade: House of Cards e o mundo real* uma investigação sobre as relações entre a série *House of Cards* e o mundo histórico que a obra comenta, analisando os modos como elementos factuais são levados para o universo da ficção.

O número 18 da Rebeca traz também, na seção de **Traduções**, o texto *“Esse nome nunca valerá nada”: imagem de Poe no cinema*, de Scott Peeples, traduzido por Helciclever Barros da Silva e Enrom Esplin. O trabalho aborda a popularidade do escritor Edgar Allan Poe, do cinema aos memes, calcada sobretudo na associação entre “Poe” e “poor” (“pobre”). No artigo são retomados diversos filmes, de um curta de D. W. Griffith de 1909 a obras contemporâneas, para mostrar os modos como a imagem de Poe vem sendo explorada, prioritariamente como autor subestimado e desvalorizado em seu próprio tempo e depois valorizado pelas gerações posteriores.

A seção **Fora de Quadro** traz o texto *Mário Peixoto, Octavio de Faria e a invenção de Limite (1931)*, de Denilson Lopes, que apresenta e comenta um material precioso: as correspondências trocadas entre Mário Peixoto e Octavio de Faria do final da década de 1920 até o ano de 1933. Registradas em dois volumes dos diários inéditos de Mário Peixoto chamados *Cadernos Verdes (1933)*, as cartas permitem notar a amizade entre os jovens artistas e compreender o contexto da primeira exibição de *Limite*, em 1931.



O número tem também outro texto na seção Fora de Quadro, uma **Resenha** e uma **Entrevista** publicados em diálogo com o dossiê: *Perguntas para o fim do mundo deles*, de Noá Bonoba, *Resenha de A arte queer do fracasso*, de Jack Halberstam, escrita por Adriana Azevedo, e *O que quer o cinema queer?*, entrevista com o cineasta canadense Bruce La Bruce, feita por Hanna Claudia Freitas Rodrigues e Baga de Bagaceira Souza Campos. A devida apresentação desses materiais está feita na apresentação do próprio dossiê, mas peço licença para ser redundante e repetir também aqui a homenagem a Baga de Bagaceira, jornalista, pesquisador e ativista LGBTQIA+ da cidade de Cachoeira, na Bahia, graduado e mestre em Comunicação pela UFRB e doutorando em Cultura e Sociedade pela UFBA, além de *performer* que bagunçava as convenções de gêneros ocupando as ruas do recôncavo baiano. Baga faleceu em julho de 2020, vítima da Covid-19. Ao publicar essa entrevista, a Rebeca presta uma homenagem a Baga, uma pessoa que encarnava verdadeiramente a ideia de uma existência *queer*.

Por fim, a equipe da Rebeca agradece às autoras e autores que submeteram seus textos à revista, bem como às dezenas de pessoas que atuaram como pareceristas nesse número e que vêm contribuindo ao longo desses nove anos como avaliadoras de artigos submetidos à nossa publicação. Trata-se de um trabalho não-remunerado e invisível, do qual todas as revistas científicas dependem, ainda que as pesquisadoras e pesquisadores brasileiros estejam cada vez mais sobrecarregados. A Rebeca se junta a outras publicações nacionais que passaram a creditar as(os) pareceristas em seus números como uma forma mínima de reconhecimento e agradecimento pela contribuição prestada.

Gabriela Almeida